

Lembranças de escolas

*Emilene Busquet de Barcelos
Millena Soares Figueiredo*

UMA CONVERSA SOBRE TORNAR-SE PROFESSORA: da escola à universidade.

Neste espaço, traremos à memória narrativas sobre as trajetórias escolares que auxiliam no exercício de refletir sobre os processos de subjetivação pelos quais vamos nos constituindo como docentes. Antes de prosseguir cabe esclarecer que concordamos com Miller e Macedo (2018, p. 955) quando afirmam que "tanto narrativas como sujeitos são, se aceitamos as lições pós-estruturais, efeitos de relações de poder e estes não podem, de fora de tais relações, manejá-las ou mesmo serem delas conscientes". Dessa forma estas breves memórias são assumidas como ressignificação do passado. A trajetória que nos trouxe até aqui nos possibilita interpretar essas memórias como momentos-chave de nossa história escolar e acadêmica.

Memórias de Millena

Me chamo Millena, estou me formando em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e meu primeiro contato com a escola foi aos 2 anos de idade, quando larguei as mãos de minha mãe em direção à escola. Deixei suas mãos protetoras para vivenciar o *bullying* no ensino fundamental, lutar pelo sonho de cursar uma universidade pública e enfrentar sozinha os desafios da vida acadêmica, que têm me constituído.

Falante e cheia de ideias na cabeça, aos 14 anos já me preocupava com minha futura profissão. Tinha certeza de que eu almejava lidar com crianças e sua formação, contribuir com a educação



e o desenvolvimento da infância de alguma forma. Foi com essas certezas que me deparei a palavra Pedagogia e o caminho que desejava seguir se tornou mais claro. O ensino médio chegou. Cursei em uma instituição pública, pois almejava ingressar na UERJ, ainda que para mim, moradora da Baixada Fluminense esse parecesse um sonho distante.

Em 2017 me submeti ao processo de transferência de estudos e me tornei graduanda no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, polo da UERJ em Duque de Caxias. Instituição que motivou meu interesse pela pesquisa.



Em 2018 me tornei bolsista de Iniciação Científica pelo CNPQ que avalio como fundamental para minha formação acadêmica e pessoal. Me tornei mais sensível e crítica. Pude refletir sobre teorias que me auxiliaram a compreender o *bullying* que sofri e as exclusões que constatei ao longo da minha vida escolar como estudante e moradora de um município conhecido como um lugar hostil e assolado pela criminalidade.

A escolha de meu objeto de pesquisa é resultado indissociável da minha experiência pessoal, escolar e como pesquisadora iniciante. Uma oportunidade de refletir teoricamente sobre o meu processo de subjetivação (MACEDO, 2017), produzindo reflexões que possam contribuir com a problematização de certezas que nem sempre são explicitadas, mas que provocam efeitos na escola, afetam a vida das pessoas. Busco ajudar de alguma forma a pensar os processos de formação dessas pessoas.

Memórias de Emilene

Meu nome é Emilene, sou concluinte do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na UERJ-FEBF. Nesse texto tenho a oportunidade de rememorar momentos que marcaram minha trajetória escolar. Um processo que possibilita reflexões sobre como as minhas experiências enquanto estudante influenciam o modo de pensar as decisões que hoje tomo para a construção das minhas práticas docentes.

Sempre fui considerada uma excelente aluna, sempre tirei boas notas, me comportei de acordo com aquilo que a escola esperava de mim, dessa forma sempre fui a queridinha dos professores, atendendo



as expectativas e sendo usada como exemplo modelo para os demais colegas. Mas eu também demonstrava preocupação com o aprendizado dos meus colegas e quando eles pediam para eu passar cola nas provas eu negava e me disponibilizava para ajudá-los a superar as dificuldades. Sempre argumentando que se eu passasse a cola eles não iriam aprender.

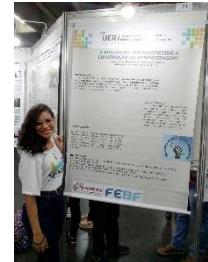
Minha primeira experiência escolar ocorreu numa escolinha de fundo de quintal, literalmente, era a escolinha da tia Lydia, em que estudei na minha primeira infância. Deixei a escolinha quando atingi a idade para me matricular na escola pública e a partir de então toda a minha formação aconteceu na educação pública.

No início do Ensino Fundamental eu era muito falante, por vezes ficava depois da aula fazendo “cópia” e chorava vendo meus colegas indo embora e eu fazendo “cópia”. Mas isso acontecia pois eu fazia as atividades propostas rápido e não tinha mais o que fazer então acabava conversando com minhas amigas que não tinham terminado. No entanto, ao longo do Ensino Fundamental a timidez foi me dominando e sem falar tanto, já não “atrapalhava” tanto as aulas com as minhas conversas. Também foi nessa época que me envolvi em projetos de Teatro, Contação de História e Mediação de Leitura que aconteciam na escola. Experiências que foram importantes, que despertaram o meu interesse pela docência.

Incentivada pela professora que coordenava os projetos supracitados cursei o Ensino Médio em uma instituição de formação de professores e no desenvolvimento do curso decidi cursar Pedagogia.

Ao longo do Curso foi possível refletir sobre o tipo de professora que almejava me tornar. Durante o curso as experiências oportunizadas como bolsista de Iniciação Científica foram importantes para adensar essas reflexões, me apropriando de contribuições teóricas para pensar sobre os problemas que me afigiam como estudante desde o Ensino Fundamental e na minha atuação como professora de reforço escolar. Foram essas reflexões que me motivaram investigar na pesquisa focando as questões relativas ao ensino e a aprendizagem associadas às práticas avaliativas que acontecem nas escolas.

Hoje, quando rememoro minhas experiências escolares identifico que fui me subjetivando (MACEDO, 2017) como professora antes mesmo de decidir seguir essa profissão. Esse processo de subjetivação foi se constituindo quando observava atentamente o trabalho dos meus professores e desenvolvia relações de empatia com eles, mas também pela concordância e/ou divergências com muitas de suas práticas. Tudo contribuiu para minha formação. E constitui parte do meu processo de subjetivação.



Reflexões Finais

Para finalizar reforçamos que assumimos as narrativas autobiográficas como registros discursivos carregados de sentidos enunciados contingencialmente. Processo de ressignificação de experiências que não podem ser acessadas do presente, expressam possibilidades de pensar o passado estando no presente. E é nesses processos de ressignificação, de reflexões produzidas de um espaço-tempo diferente, que pensamos as formas pelas quais nos subjetivamos e permaneceremos nos subjetivando incessantemente

como professoras em “um movimento de deixar acontecer o excesso irredutivelmente porvir” (MILLER; MACEDO, 2018, p. 962).

Referências:

- MACEDO, E. Mas a escola não tem que ensinar? Conhecimento, reconhecimento alteridade na teoria do currículo. **Curriculum sem Fronteiras**, v. 17, n. 03, p. 539-554, 2017.
<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol17iss3articles/macedo.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2021
- MILLER, J. L.; MACEDO, E. Políticas públicas de currículo: autobiografia e sujeito relacional. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 948-965, set./dez. 2018. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxeducativa>. Acesso em: 02 abr. 2021

Sobre as autoras:

Emilene Busquet de Barcelos: Licencianda em Pedagogia Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF-UERJ). Bolsista IC- FAPERJ (2018-2020).

Millena Soares Figueiredo: Licencianda em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF-UERJ). Bolsista IC- CNPq (2018-2021).